

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. V | Nº 66 - MAIO 2026



AMIZADE OU PERSEGUIÇÕES

EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Designer de capa
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Edson Araujo
Danielly Jesus
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

www.revistaconhecimentocidadania.com

 [Vaquinha online](#)

 Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania

 revistaconhecimentocidadania@gmail.com

 [@revistaconhecimentocidadania](#)

 [@revistaconhecimentocidadania](#)

 [@RevConhecimento](#)

 [@conhecimentocidadania](#)



Leandro Costa

EDITOR-CHEFE

Servidor público,
professor de Direito,
idealizador do projeto
Direito nas Escolas, autor
do livro: Direito nas Escolas
e Diretor na Associação
Brasileira de Juristas
Conservadores.

www.leandroconservadorrj.com

Revista Conhecimento &
Cidadania
Vol. V – Nº 66
Maio de 2026
Rio de Janeiro – RJ
Menezes Costa
CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, professor de Direito, idealizador do projeto Direito nas Escolas, autor do livro: Direito nas Escolas e Diretor na Associação Brasileira de Juristas Conservadores

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spotfy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

Amizade ou perseguições



A Copa do Mundo de futebol se aproxima, portanto, nada mais justo que começar tratando de um esporte que envolve tanta paixão, em que torcedores se conectam ou se rivalizam sob os bandeiras de suas nações e escudos de seus clubes, usando as cores estampadas em suas camisas como marcadores de suas tribos. Não nos dobraremos à barbárie das falanges doentias que transformam o esporte em um espetáculo doentio de agressões, de maneira que, ignoraremos as facções denominadas torcidas organizadas por não serem o objeto de reflexão no momento e pelo desprezo moral que merecem.

Uma nação que se destaca em campo é, sem dúvida alguma, a Alemanha, sua seleção tetracampeã mundial, tendo erguido a taça três vezes antes da unificação do país e a última na década passada. A Alemanha se sagrou vencedora da competição pela última vez no Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Maracanã, nome do bairro que abriga o anfiteatro, vencendo a seleção da Argentina, coincidentemente, repetindo o confronto de seu título anterior.

O Maracanã, construído para receber a Copa do Mundo de 1950, foi palco, naquele evento, da conquista uruguaia sobre a seleção brasileira, mas foi a Alemanha quem, sessenta e quatro anos depois, privara o Brasil de retornar ao palco da segunda final da Copa do Mundo em seu território, derrotando a seleção canarinho na capital mineira no jogo anterior, o traumático sete a um, em que a aspirante ao quarto título arrasou a nação que se orgulha de seus inigualáveis cinco campeonatos em suas terras.

Em um momento que o Brasil se via corroído pela corrupção e os templos erguidos para o evento, muitos deles sem qualquer justificativa, eram símbolos evidentes de tão corrosão, a derrota significava mais que apenas uma acachapante humilhação, mas a frustração daqueles que esperavam uma alegria que,

de alguma forma, aplacasse em suas mentes fúteis a dor da expropriação. Não bastasse os abusos perpetrados pelos detentores do poder e a flagrante malversação dos recursos, o orgasmo prometido não veio e aquilo que para muitos era um investimento cujo único resultado seria um momento de prazer, tornou-se uma derrota cara e humilhante.

Se aquela Copa do Mundo trouxe alguma felicidade a alguns brasileiros, provavelmente foram os amigos dos poderosos que se banquetearam em obras faraônicas, propagandas, direitos de transmissão e camarotes suntuosos. Ao povo restou o trauma da derrota e o “direito” de pagar pela conta de uma vez que lhe foi importa.

Voltando à Alemanha, não há como tratar da Copa do Mundo no Brasil sem mencionar a torpeza dos que estavam no controle durante aquele episódio, em especial por ainda darem as cartas, a seleção do país europeu cumpriu seu papel e, desfilando com um segundo uniforme que fazia alusão ao clube de maior torcida no país anfitrião, conquistou a simpatia do povo até o momento que atropelou a seleção brasileira. Ao final, a Alemanha vencera a seleção argentina e se sagrou tetracampeã mundial.

O merecido título não se configura obra do acaso, posto que, tal país tem uma tradição no mundo do futebol, ostentando, junto à Itália, a segunda maior coleção de conquistas de mundial, atrás somente do Brasil. Não é difícil deduzir que há uma base que sustente o futebol alemão, logo, cabe avaliar se há, naquele país, um campeonato nacional ou clubes competitivos, algo que, para aqueles que acompanham, ainda que à distância tal esporte, leva a conclusão óbvia que, de fato, o campeonato alemão é consideravelmente estruturado e que existem clubes que são competitivos naquele país, podendo ser rivais difíceis e, até mesmo, temidos em um cenário internacional.

Alguns leitores já imaginaram como exemplo o tradicional e competitivo Bayern de Munique (Bayern München), um clube da capital da Baviera, fundado em 1900, carregando o nome de sua região e cidade respectivamente. O gigante de vermelho é considerado como a maior referência do futebol alemão, o franco favorito dentro de suas fronteiras e um respeitado adversário de respeito para qualquer outro grande clube de futebol em qualquer lugar do globo.

Mas a história do clube bávaro não é tão simples quanto parece, pois o Bayern de Munique vivenciaria um dos episódios mais marcantes de seu país e do mundo, uma vez que, fundado no último ano do século XIX, passaria pela ascensão e queda do regime nazista. Quando o nacional-socialismo chegou ao poder, diferentemente da maioria dos clubes, o Bayern de Munique não se alinhou ao regime, posto que, possuía forte liderança judaica e tinha como Presidente o judeu Kurt Landauer, que renunciou em 1933.

O próprio Adolf Hitler se referia ao Bayern como um clube de judeus (judenklub) e, obviamente, o regime nazista marginalizou o clube, reduzindo até seus recursos e impondo o uso da suástica em seu uniforme. O Bayern de Munique, que havia conquistado seu primeiro título nacional em 1932, só voltaria

a erguer a taça da Bundesliga (campeonato alemão) em 1969, evidenciando o quão nocivo o regime do Terceiro Reich fora para o clube, sendo necessários vinte e quatro anos para sua total recuperação e triunfo.

O Bayern de Munique se opôs ao regime autoritário que controlou a Alemanha e, apesar de perseguições, sobreviveu, superando o período do nazismo e seguindo em frente, sendo atualmente considerado o maior clube de futebol alemão. Não há como ignorar a história de superação do Bayern de Munique que, confrontou o regime revolucionário e preferiu a marginalização à submissão. Por outro lado, não podemos ignorar as quase quatro décadas que afastaram o clube do título do campeonato alemão, destacando que enfrentar o mal pode ser pesadoso e um exercício de paciência.

Regimes totalitários tendem a usar subterfúgios para perseguir aqueles que se opõem ou, simplesmente, se negam a alimentá-lo, ao passo que agraciam seus aliados como forma de corromper ou compensar pelos préstimos. Assim como aqueles que se regozijavam nos camarotes do mundial de 2014, os parceiros Terceiro Reich gozavam de benefícios em troca de sua colaboração e vassalagem, tornando-se privilegiados desde que associados e subservientes ao regime autoritário.

Com o fim de impor seu totalitarismo sobre os cidadãos, regimes autoritários tendem a cooptar apoio e perseguir qualquer um que não se curve a suas intenções. Além do objetivo imediato, que é destruir que se oponha, o regime busca intimidar quaisquer outros que cogitem não seguir sua cartinha, portanto, a perseguição deve ocorrer de forma explícita, para que exerça um efeito pedagógico intimidador aos que, mesmo inconformados, observem os açóites covardes sem que tenham forças para reagir.

O nacional-socialismo parece ter compreendido que a centralização da atividade econômica seria um erro, tendo em vista ser o planejamento central incapaz de cuidar de todas as demandas econômicas e procurar brechas para o desenvolvimento. O indivíduo procura ascender atendendo a um anseio, oferecendo algo que não estava antes disponível ou em melhores condições. A concorrência faz com que a economia seja viva e a necessidade é o motor da invenção.

O Estado é incapaz de preencher as lacunas e antever os anseios, algo que o socialista mais ferrenho negará até a última instância. O regime nazista, percebendo tal falha, preferiu se associar à iniciativa privada, permitindo certa liberdade econômica, desde que o empreendedor fosse um aliado do regime.

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas resistiu a ideia de descentralização, para muitos, tal erro resultou no Holodomor. Creio ser injusto tratar como erro, quando a fome parece um método de coerção.

A China, que também experimentou grande miséria, adotou o sistema metacapitalista, no qual as instituições privadas gozem de certa liberdade, mas precisam servir aos interesses do regime. Não por

acaso, um dos maiores empresários daquele país, após um inusitado desaparecimento, voltou a público sem disposição para desafiar o governo chinês.

A política de campeãs nacionais segue os mesmos padrões chinês, bem como, do regime nazista. Incentivando os amigos do governo, causando um desequilíbrio na economia que só será percebido após anos, posto que, sendo aliadas do regime, as campeãs nacionais tendem aos abusos face a concorrência e, em um segundo momento, contra consumidores e fornecedores.

Por outro prisma, aquele que se opuser ao regime ou for obstáculo para sua parceira, correrá o risco de forte retaliações.

Não por acaso as punições de natureza política tendem a ser mais degradantes e duradouras que as reservadas à condutas consideradas abjetas pela sociedade, mantendo manifestantes que sequer tinham meios para derrubar um regime autoritário em cárcere por período análogo aos aplicados a crimes realmente nefastos, além da especial preocupação para que não gozem de benefícios deferidos a verdadeiros facínoras.

Imaginemos a hipótese em que um ex-deputado, em uma ditadura socialista, preso por opinião tivesse de cumprir o regime semiaberto da pena a ele, absurdamente, aplicada em um local conforme o descrito em lei, todavia, em diversos casos criminosos violentos ou integrantes de organizações que cumprem tal regime, naquele mesmo país hipotético, o fazem em quase liberdade. Não podemos ignorar que, para tal inimigo do regime, mesmo medidas constitucionais como a graça concedida pela autoridade competente poderia ser ignorada, tão somente para que tal parlamentar sirva de exemplo aos demais congressistas e cidadãos.

Não tendo um exemplo real, decidi chamar o deputado hipotético pela alcunha de Daniel, referindo-me ao personagem bíblico que esteve aprisionado na cova dos leões, uma mera alusão sem qualquer relação com a realidade.

Daniel, no exemplo hipotético, teria expressado sua revolta contra uma decisão de um conselho que parecia proteger organizações criminosas que ceifavam vidas de inocentes e de policiais, em razão da morte de um agente de segurança. As afirmações de Daniel resultariam em uma ação persecutória por parte de um regime que não admite ser questionado, em que pese a decisão, a qual Daniel fazia uma dura crítica, pudesse parecer que o conselho protegia os criminosos dos mais perigosos.

Ao final, o fictício parlamentar Daniel ficaria preso e a ditadura socialista lutando para que outra nação não combata os criminosos outrora protegidos pela decisão, mesmo sendo afetada pelas ações dos infratores. No exemplo hipotético Daniel seria reconhecido por ter alertado quanto ao erro e seus algozes se desculparia, ou, recompensado por sua coragem e os tiranos que o encarceraram punidos de forma exemplar.

Um regime tirano não tolera quaisquer resistências, perseguindo e punindo aquele que considera como opositor, como os nazistas fizeram com o Bayern de Munique e nossa nação fictícia com Daniel. Os abusos não conhecem limites, posto que, o autoritarismo se agrava como autopreservação, tendo em mente que tiranos tornar-se-ão cada vez mais tiranos para que não sofram as consequências de seus atos. Um vilão precisa morrer no poder ou pagar pelo mal que causara aos outros.

De um fabricante de material de limpeza aos que doaram para opositores, passando por jornalistas e varejistas, o regime não verá com bons olhos qualquer um que não lhe jure vassalagem e usara de meios escusos para atacá-los, logo, no imaginário dos tiranos, os demais curvar-se-ão à sua autoridade, entretanto, a essência dos vilões é ignorar que a natureza humana fará com que alguns se tornem ainda mais resistentes, surgindo mártires que sacrificar-se-ão pelos outros, como o hipotético parlamentar Daniel, ou mesmo, os que enfrentarão o regime pacientemente, como fizera o Bayern de Munique.

Ao final, os que se sujeitaram aos desmandos dos tiranos terão de prestar contas e assumir que estavam errados ou foram fracos demais para resistir. Ao passo que, a aqueles que conservaram sua honra caberá reconstruir sobre os escombros deixados pelos malfeitores e seguir em frente, como fizera o clube bávaro e, caso nossa hipótese fosse real, o deputado Daniel.

Aos amigos do regime, que se banquetearam diante da desgraça alheia, sejam eles grandes produtores de alimentos e fármacos, instituições financeiras, empresas de mídia ou criminosos, que sejam responsabilizados por suas ações junto aos tiranos que tanto serviram.

Que a tocante história do Bayern de Munique, que é de tantos outros que sobrevivem apesar da perseguição sirva de inspiração aos que conservam sua dignidade e não se deixarão dobrar pela força dos tiranos, tampouco se corromper por agrados ou pela embriaguez do poder na doentia festa dos guardanapos patrocinada pelas vítimas do regime.

Leia o artigo: [A lei e os nobres](#)

A vida comum do lar



“Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento...” (1º Pedro 3.7a).

Quando surge a pergunta “Qual o seu apóstolo preferido?”, eu sempre respondo que é Pedro. Creio que temos o mesmo temperamento, o sanguíneo: impulsivos, animados, necessitados de atenção. Mas, quando o sanguíneo assenta a cabeça, reflete e analisa, consegue realizar proezas. E quando este tem como objetivo servir a Nosso Senhor Jesus Cristo, possui a direção do Alto para orientar aos demais.

A Bíblia diz que Pedro tinha sogra, logo, era casado. Como homem nessa condição, poderia auxiliar a outros. Sendo servo de Cristo, cumpriria sua função com maestria. E assim, para orientar sobre o casamento, ele fala sobre algo que hoje a maioria foge: a vida comum do lar.

Penso que, se Pedro escrevesse essas linhas hoje, não iria se dirigir somente a homens neste contexto, isso porque muitas mulheres também abandonaram o lar. Contudo, é importante destacar que vida “do lar” não é vida “da casa”. São ambientes distintos.

Muitos estão “em casa”, fisicamente, mas a alma se foi há tempos. O corpo está presente, mas não interagem, não conhecem o cônjuge, os filhos, a rotina, nada. Cumprem as obrigações domésticas esquecendo da presença. Levam o dinheiro para casa, mas deixam o carinho pelo caminho. E assim, permanecem em casa, mas não no lar.

Via de regra, os homens tendem a “sair do lar” mediante aos vícios. Porém, não trato aqui somente de jogos de azar ou pornografia, e sim de quando o vício se inicia em algo lícito. Hoje existem centenas de coachs especializados em “riqueza”, que vendem cursos de como “prosperar” por meio da internet, que ensinam a como realizar investimentos sem sair de casa.

Isso fez com que muitos pensassem que enriquecer seria uma ótima forma de ser provedor. Então, gastam tempo na frente de uma tela analisando projeções, realizando investimentos, e isso por 14, 16, 18 horas por dia – ou mais – esquecendo-se de que dinheiro, por si só, não traz a verdadeira realização.

Outros decidiram adentrar no universo fitness, mas não para cuidar da saúde. A internet possibilitou que os “marombeiros” fossem idolatrados como homens viris, másculos e que podem conquistar todas as mulheres com seus traços definidos. Então, ocupam a cabeça e o tempo com dietas intermináveis e exercícios ad aeternum. O “disco” não muda.

Até mesmo uma vida intelectual, se não for bem regrada, pode tornar-se um vício letal. O padre Antonin-Dalmace Sertillanges, em sua célebre obra “A vida intelectual”, deixou o seguinte conselho: “...duas horas por dia bastam para uma obra (...) preenchidas todas as condições, isso de fato basta e vale mais que as pretensas quinze horas de que tantos tagarelas se vangloriam”.

E mais: “O que mais importa na vida não são os conhecimentos, é o caráter; e o caráter estaria ameaçado se o homem estivesse, por assim dizer, oprimido pela rocha de Sisifo”. Em todo o livro, Sertillanges alerta para o fato de o aspirante a uma vida intelectual se envaidecer, chegando a desprezar a realidade ao seu redor e até mesmo sua família.

O sacerdote alerta: “O necessário, a todo momento, é estar onde se deve e fazer o que importa”.

Para as mulheres, a “isca” é outra. As redes sociais trouxeram o universo “instagramável”, com influenciadoras vendendo um mundo artificial, vida social badalada, viagens, desapego aos relacionamentos. E seguidoras com a mente enfraquecida acabam por “sair do lar”, sentindo-se frustradas porque suas vidas são “ordinárias”.

Quando denomino “vida ordinária”, não falo com desdém, pelo contrário; me refiro com o mesmo sentido que a Bíblia trata de “comum”. O brilho da rotina artificial, criada para ganhar visualizações e curtidas, tenta ofuscar a realidade: nem tudo será “extraordinário” todo dia.

As novelas, em especial, os doramas, também cumprem o papel de afastar a mulher “do lar”. Quantas não são aquelas que rejeitaram seus maridos por eles não se comportarem como um coreano roteirizado? Fico perplexa em ver que muitas se iludem pensando que orientais são exatamente como nesses produtos vendidos por plataformas de streaming. E, ao se atraírem por esse tipo de estereótipo, acabam por rejeitar homens bons por estes não se adequarem ao rótulo plastificado.

Quem foi que vendeu essa ideia de que um bom homem ficará nos adulando 24 horas por dia? Quem criou essa mentira de que, para ser o homem ideal, o sujeito deve escrever cartas, dar flores todos os dias e todas essas coisas? Isso são coisas “extraordinárias”, que são realizadas de forma esporádica. Contudo, a “vida comum” é bem diferente.

A vida comum do lar possui itens não muito confortáveis: louça para lavar, cuecas sujas, fraldas, criança chorando, bagunça pela casa, marido perguntando “cadê meu serrote?”, esposa dizendo “menino, tira o dedo da tomada”. Espero ter tirado algum riso do leitor com este exemplo, mas esta é a vida real,

esta é a vida! Podemos ajustar algumas coisas para melhorar nossa rotina, entretanto, a realidade é melhor que temos.

Eu, particularmente, possuo algumas frustrações: com 37 anos, completados em abril, nunca ganhei flores, nunca fui tirada para dançar, nunca o Sérgio Mallandro veio em um cavalo-branco para me resgatar (somente os mais velhos farão a conexão e rir de veras com esse trecho). Mas tenho minha rotina: acordo, falo com Deus, levo meu filho à escola, trabalho, cuido do meu canal, lavo, passo, cozinho, limpo minha estante de livros. E essa rotina é o que me salva.

Sim, a rotina de todos os dias nos salva de nós mesmos. A rotina revela quem somos e o que podemos fazer para melhorar. Já o mundo de plástico nos faz perseguir um “mundo ideal”, semelhante ao vendido pelo socialismo, que nunca há de chegar e que nos faz ter a alma amarga. A vida comum do lar não precisa ser monótona, só precisa ser real.

Leia o artigo: [Estudando o Fascismo Parte 1 – A origem](#)

DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA



A história humana pode ser lida como a lenta formação de três ideias que parecem contemporâneas, mas que na verdade pertencem às camadas mais profundas da experiência da espécie: Deus, Pátria e Família. Não são invenções modernas, nem construções arbitrárias erguidas pelo conservadorismo, tampouco meros slogans ideológicos. São símbolos antigos, que emergem muito antes de qualquer articulação política e atravessam milênios como respostas humanas à própria condição de existir. Cada um deles, à sua maneira, nasce de uma necessidade antropológica: a busca pelo sentido, pela identidade, por pertencimento e pela continuidade.

A experiência do divino acompanha o *Homo sapiens* desde muito antes da escrita. Quando hoje, no Ocidente, falamos “Deus”, quase sempre nos referimos ao Deus de Abraão, Isaac e Jacó, fruto de uma tradição teológica específica: a tradição judaico-cristã. Mas a ideia de uma realidade superior, ordenadora, invisível e transcendente antecede as religiões monoteístas por dezenas de milhares de anos. Mesmo povos que jamais tiveram contato com o pensamento hebreu-nômade desenvolveram noções de divindade, espírito, força vital ou inteligência cósmica. O que permanece, através de todos os tempos e culturas, é o impulso humano para além da visibilidade — a inquietação que Platão nomeou como a consciência de um mundo que não se reduz ao sensível.

Há em nós uma inclinação para perguntar pelo que ultrapassa a matéria — seja esse além chamado Deus, deuses, absoluto, Espírito, realidade última ou simplesmente mistério. É esse mesmo impulso que transparece no mito do Gênesis, quando a serpente diz à mulher: “certamente não morreréis... sereis como Deus, sabendo o bem e o mal”. Essa passagem milenar, simbolicamente lida, não descreve um desejo trivial de poder, mas a tentação de romper a própria condição humana, de assumir para si a

prerrogativa de determinar o que é o bem e o mal, o sentido e o destino, o limite e o ilimitado. Em outras palavras, desde nossos primórdios carregamos o desejo de transcendência e, ao mesmo tempo, a pretensão de controlar aquilo que transcende. A humanidade se move entre a humildade de buscar o sentido e a soberba de desejar ser o próprio criador do sentido.

Essa dialética — busca e controle — também está presente na formação das comunidades políticas. A “pátria”, entendida como pertencimento a um corpo coletivo reconhecível, não é um produto da modernidade. Cidades-Estado sumérias, como Eridu, Uruk ou Lagash, não usavam o conceito contemporâneo de “nação”, mas viviam as práticas que mais tarde seriam reconhecidas como seus equivalentes: lealdade a uma terra, a uma língua, a um templo, a um governante, a uma memória comum. A ausência da palavra não implica ausência da experiência. Se o cidadão sumério não dizia “sou de um país”, vivia, porém, uma forma ancestral de pátria: sua cidade era seu mundo, sua identidade, seu cosmos social.

A pátria nasce da comparação entre coletividades; surge quando se percebe que “nós” somos distintos de “eles”, e que as diferenças — religiosas, linguísticas, genealógicas — formam um campo comum que merece ser preservado. O que chamamos hoje de nação é apenas uma ampliação, em escala histórica, de uma tendência humana primitiva: unir-se a semelhantes para garantir ordem e continuidade.

Também a família, frequentemente tratada como construção histórica contingente, é na verdade uma instituição com raízes pré-históricas. Muito antes do Estado, muito antes da agricultura, a família já era o núcleo de proteção, transmissão e perpetuação. Dois seres podem cooperar para sobreviver; mas a família é mais do que cooperação — é a intenção de continuidade, a preservação da memória, a criação de vínculos que sobrevivem aos indivíduos. A família produz identidade, produz cultura, produz história. Por isso, sua importância atravessa as eras. A forma é variável; a função é perene.

Assim, Deus, Pátria e Família não são produtos ideológicos modernos — são elementos estruturantes da experiência humana. Contudo, o fato de serem tão antigos não os torna imunes a disputas simbólicas. A modernidade política transformou símbolos atemporais em bandeiras partidárias. O fascismo italiano, por exemplo, apropriou-se deliberadamente da tríade, incorporando-a ao seu imaginário de autoridade, sacralidade secular e unidade orgânica. Essa inscrição histórica gerou, após 1945, uma sombra: para correntes progressistas, a tríade passa a ser lida — na maioria das vezes sem cuidado histórico — como essência do autoritarismo. Assim, do ponto de vista progressista, o conservadorismo e fascismo são então aproximados pela escolha comum de palavras e valores, como se compartilhar símbolos universais significasse partilhar métodos ou finalidades.

Essa crítica progressista, ainda que compreensível no contexto da rejeição ao totalitarismo, frequentemente incorre no erro lógico de tomar a apropriação por essência: porque Mussolini instrumentalizou a tríade, a tríade é fascista; porque regimes autoritários exaltaram a ordem, toda defesa de ordem seria autoritarismo; porque o nacionalismo extremo produziu catástrofes, toda afirmação de

pátria seria catastróficamente exclusivista e opressora. É um raciocínio historicamente pobre e antropológicamente curto, que confunde a sombra com o objeto, o uso com a origem. O símbolo antecede o sequestro; e, se antecede, transcende.

Mas por que, então, setores progressistas contemporâneos não apenas criticam o uso político da tríade, mas parecem hostilizar as próprias bases que tornaram possível sua existência — Deus, Pátria, Família? Por que atacar não a geração anterior, mas todas as gerações anteriores? Há aqui algo além de política partidária: há uma postura civilizacional. Parte do pensamento progressista moderno opera sobre a premissa revolucionária de que a emancipação humana requer romper uma tradição que seria, por definição, opressiva. O que antes era referência — transcendência, pertencimento, continuidade — passa a ser visto como obstáculo. Daí a tendência a um materialismo imanente, a um anticlericalismo generalizado, e a uma suspeita moral contra formas tradicionais de família e pátria.

O fenômeno é mais profundo do que um conflito entre conservadores e progressistas. O que está em jogo é uma reinterpretação simbólica da própria condição humana. Se toda tradição é vista como imposição, o passado inteiro torna-se um adversário; se toda desigualdade natural é lida como injustiça, a desigualdade deixa de ser condição e passa a ser patologia; se todo limite é opressão, o limite precisa ser destruído. Mas a desigualdade é inevitável porque a natureza é desigual. A pobreza é eliminável; a desigualdade, não. Quando se tenta corrigir a desigualdade universal como se fosse um erro moral, tende-se a substituir a realidade por um ideal abstrato — e a forçar a realidade a se adequar a ele.

Nesse contexto, o mito do Éden volta a ser surpreendentemente atual. A serpente promete não apenas conhecimento, mas autonomia absoluta: “sereis como Deus”. O que ela oferece é a ilusão de que o ser humano pode definir por conta própria seu bem e seu mal, sua ordem e sua verdade, seu limite e seu destino. A tentação moderna — e particularmente a tentação progressista extrema — ecoa essa mesma promessa: recriar o mundo e o homem a partir de zero, rejeitando o que veio antes como se fosse erro, peso ou superstição. É o velho desejo de tomar nas mãos o lugar da transcendência. Não se trata apenas de negar Deus, mas de ocupar seu lugar simbólico: ser autor da moral, do sentido, da identidade, da história.

A tríade Deus–Pátria–Família, neste percurso, deixa de ser apenas uma bandeira fascista ou conservadora e volta a ser o que sempre foi: a expressão de três necessidades humanas profundas — sentido, pertencimento e continuidade. Ela se mantém porque não é invenção moderna, mas herança ancestral; não é dogma político, mas estrutura antropológica; não é resíduo arcaico, mas fundamento da experiência humana. E se provoca rejeição, é precisamente porque toca o ponto sensível em que a humanidade se divide entre aceitar seus limites ou desejar superá-los de forma total.

Talvez por isso as críticas mais agressivas à tríade venham de uma vertente de pensamento que não tolera a ideia de limites. Pois aceitar que existe algo acima de nós — um Deus, um passado, uma tradição, uma família, uma pátria — significa reconhecer que não somos criadores absolutos. Em última

instância, o conflito não é entre conservadores e progressistas, mas entre duas maneiras de ser humano: a que reconhece a transcendência e a que deseja substituí-la.

Muito mais que uma batalha ideológica, cultural, política, econômica ou religiosa, o cerne desta luta ultrapassa todo o tempo e espaço. Há uma base fundamental, há um núcleo que elabora toda essa construção: estamos diante de uma batalha que transcende a tudo e a todos.

Os críticos, que se opõem tanto ao uso quanto aos defensores do ideal “Deus, Pátria, Família”, mais do que irem contra um ideal, pretendem superá-lo, substituí-lo pelo “eu” acima de tudo, “nós” acima de todos. Trata-se da fusão de uma visão de mundo, de um grupo representante e controlador dessa visão, de um modo de ser e viver. É algo que soa revolucionário e jovial, mas ao mesmo tempo totalitário e intolerante. As questões que não conseguimos esquecer, pois nos acompanham desde o primeiro choro até o último suspiro, são que não somos nem seremos jovens para sempre. Somos impelidos à transformação e sofremos quando nos recusamos a crescer.

Nas palavras do inesquecível Nelson Rodrigues:

"Se o homem, de uma maneira geral, tem vocação para a escravidão, o jovem tem uma vocação ainda maior. O jovem, justamente por ser mais agressivo e ter uma potencialidade mais generosa, é muito suscetível ao totalitarismo. A vocação do jovem para o totalitarismo, para a intolerância é enorme. Eu recomendo aos jovens: envelheçam depressa, deixem de ser jovens o mais depressa possível, isto é um azar, uma infelicidade. Eu já fui jovem também e não me reconheço no jovem que fui. Eu só me acho parecido comigo aos dez anos e após os trinta. Eu já era o que sou quando criança. Na adolescência eu me considero um pobre diabo, uma paródia, uma falsificação de mim mesmo. Depois, a partir dos trinta, eu me reencontro. Por isso, digo aos jovens: não permaneçam muito tempo na juventude que isto compromete".

Finalmente, apesar das palavras de Nelson Rodrigues, é muito auspicioso também ter em mente o que dizia Ruy Barbosa:

"Não se deixem enganar pelos cabelos brancos, pois os canalhas também envelhecem".

Leia o artigo: [A Lei de terras na Terra das leis](#)

Nesta edição quero compartilhar o texto de uma escritora muito interessante; um texto reflexivo que deve ter lugar nos nossos momentos de leitura diária, pois ele cabe perfeitamente a qualquer um que queira ter uma vida ali nada com o bem, seja ele, próprio ou social.

Compartilho com alegria este texto pois caso fosse o autor, não mudaria a forma como foi escrito e não desviaria um centímetro do alvo do texto que a medida que o leitor for caminhando sobre as linhas escritas vai descobrindo com facilidade.

Meu voto, é que o texto seja útil para nossas vidas e nos auxilie no dia a dia e em nossas tomadas de decisão.

Espero que apreciem.

"Sobre os felizes"

Existem pessoas admiráveis andando em passos firmes sobre a face da Terra. Grandes homens, grandes mulheres, sujeitos exemplares que superam toda desesperança. Tenho a sorte de conhecer vários deles, de ter muitos como amigos e costumo observar suas ações com dedicada atenção. Tento compreender como conseguem levar a vida de maneira tão superior à maioria.

Busco onde está o mistério, tento ler seus gestos e aprendo muito com eles. De tanto observar, consegui descobrir alguns pontos em comum entre todos e o que mais me impressiona é que são felizes. A felicidade, essa meta por vezes impossível, é parte deles, está intrínseco. Vivem um dia após o outro desfrutando de uma alegria genuína, leve, discreta, plantada na alma como uma árvore de raízes que força nenhuma consegue arrancar.

Dos felizes que conheço, nenhum leva uma vida perfeita. Não são famosos. Nenhum é milionário. Alguns vivem com muito pouco, inclusive. Nenhum tem saúde impecável, ou uma família sem problemas. Todos enfrentam e enfrentaram dissabores de várias ordens. Mas continuam discretamente felizes.

O primeiro hábito que eles têm em comum é a generosidade. Mais que isso: eles têm prazer em ajudar, dividir, doar. Ajudam com um sorriso imenso no rosto, com desejo verdadeiro e sentem-se bem o suficiente para nunca relembrar ou cobrar o que foi feito e jamais pedir algo em troca.

Os felizes costumam oferecer ajuda antes que se peça. Ficam inquietos com a dor do outro, querem colaborar de alguma maneira. São sensíveis e identificam as necessidades alheias mesmo antes de receber qualquer pedido. Os felizes, sobretudo, doam o próprio tempo, suas horas de vida, às vezes dividem o que têm, mesmo quando é muito pouco.

Eu também observo os infelizes e já fiz a contraprova: eles costumam ser egoístas. Negam que o sentimento do próximo possa ser tão importante quanto o deles mesmos.

Reagem com irritação ao mínimo pedido. Não gostam de ter a rotina perturbada pelo outro. São sempre os donos da razão, são acima do bem e do mal, não conseguem saborear as pequenas coisas da vida, pois são eternos insatisfeitos.

O segundo hábito notável dos felizes é a capacidade de explodir de alegria com o êxito dos outros.

Os felizes vibram tanto com o sorriso alheio que parece um contágio. Eles costumam dizer: estou tão contente como se fosse comigo. Talvez seja um segredo de felicidade, até porque os infelizes fazem o contrário. Tratam rapidamente de encontrar um defeito no júbilo do outro, ou de ignorar a boa nova que acabaram de ouvir. E seguem infelizes.

O terceiro hábito dos felizes é saber aceitar. Principalmente aceitar o outro, com todas as suas imperfeições. Sabem ouvir. Sabem opinar sem diminuir e sabem a hora de calar. Sobretudo, sabem rir do jeito de ser de seus amigos. Sorrir é uma forma sublime de dizer: amo você e todas as suas pequenas loucuras e imperfeições.

Escrevo essa crônica, grata e emocionada, relembro o rosto dos homens e mulheres sublimes que passaram e que estão na minha vida, entoando seus nomes com a devoção de quem reza.

Ainda não sou um dos felizes, mas sigo tentando. Sigo buscando aprender com eles a acender a luz genuína e perene de alegria na alma. Sigamos os felizes, pois eles sabem o caminho...

(Autora: Socorro Acioli - Escritora)



Deus abençoe nossa jornada!

Leia o artigo: [Um mundo novo e melhor chegará, se...](#)

Acorda, meu irmão!

Acorda, Brasil!

A raiz do problema está diante de nós, escancarada: o *jeitinho* virou identidade. Durante anos, o famoso jeitinho brasileiro foi tratado como charme, criatividade, esperteza. Mas isso é ilusão. Na prática, ele virou desculpa para burlar regras, tirar vantagem e manipular situações em benefício próprio. E é exatamente aí que mora o veneno.

Quando alguém leva uma caneta da empresa, mente no reembolso, fura fila, compra sem nota para pagar menos ou usa um benefício ao qual não tem direito, não está sendo esperto. Está sendo desonesto. Está sendo corrupto. E precisa ouvir isso sem anestesia.

Esses atos parecem pequenos até que alguém rouba milhões. A diferença entre o pequeno e o grande corrupto, muitas vezes, é só a oportunidade.

Acorda aí, meu irmão!

Se você acha normal “só dessa vez”, você está alimentando o mesmo monstro que depois critica na televisão. Políticos não caem do céu. Eles não vêm de outra galáxia. Eles são formados nas mesmas ruas, escolas, famílias e valores que moldam qualquer cidadão. Se a sociedade normaliza pequenas desonestidades, ela também normaliza a mentalidade que, em escala maior, vira escândalo nacional. A corrupção não começa em Brasília. Ela começa antes.

Começa no cotidiano, nas brechas, nos “ninguém vai perceber”, nos “todo mundo faz”.

Enquanto o brasileiro achar aceitável mentir, enganar, burlar regras e tirar proveito, o país continuará preso num ciclo de desconfiança, desigualdade e indignação seletiva. Bíblia já alertava:

“Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco, também é injusto no muito.” (Lc 16,10)

Não tem como fugir disso. É lei espiritual. É lei moral. É lei da vida.

A corrupção é cultural não porque está no DNA do povo, mas porque foi ensinada, repetida e tolerada por gerações. E culturas só mudam quando comportamentos mudam. Ser honesto quando há risco de punição é fácil. Ser honesto quando ninguém está olhando é o verdadeiro teste e Deus sempre está olhando.

A transformação não virá de cima. A transformação de uma nação não acontece só com novas leis, novos governantes ou novas operações policiais. Ela acontece quando o povo decide que não vai mais compactuar com pequenas corrupções, mesmo que isso custe algo.

A Escritura é clara:

“Não torcerás o direito, não aceitarás presentes.” (Dt 16,19). Não é sugestão. É ordem.

Antes de apontar o dedo para quem desvia milhões, olhe para os R\$ 0,50, R\$ 5, R\$ 15, R\$ 100 ou R\$ 1.000 que muitos desviam diariamente sem culpa. A mudança cultural começa quando cada indivíduo decide que a honestidade não é negociável. Nem pequena, nem grande.

Se as pequenas corrupções revelam o que uma sociedade tolera, os grandes gestos de honestidade revelam o que ela deveria aspirar a ser.

E poucas histórias mostram isso tão claramente quanto a do funcionário do aeroporto que encontrou uma bolsa cheia de dinheiro no aeroporto e devolveu tudo: simplesmente porque era o certo.

Ele não tinha salário alto. Não tinha privilégios. Mas tinha caráter.

O gesto foi tão raro que virou notícia nacional. Como recompensa, ele pediu apenas para conhecer o presidente da República.

O encontro aconteceu, mas o que deveria ser uma celebração da ética virou desconforto. A autoridade insinuou que ele talvez devesse ter ficado com o dinheiro. Disse que ninguém iria saber. Disse que ele merecia mais do que devolver. Essa fala expôs uma ferida moral profunda.

Um homem humilde, com pouco, escolheu a honestidade absoluta. Uma figura pública, com muito, relativizou essa honestidade. O contraste é brutal.

O funcionário do aeroporto representava o Brasil que dá certo. O Brasil que não pega o que não é seu.

O Brasil que teme a Deus. A autoridade representou o Brasil do “jeitinho”, o Brasil da esperteza, o Brasil que acha que honestidade é ingenuidade. E o episódio viralizou porque toca numa verdade dolorosa: no Brasil, ser honesto virou ato de resistência. A honestidade ainda é vista como exceção.

A autoridade pública deveria elevar o padrão moral, mas muitas vezes o rebaixa. A desigualdade moral é tão grave quanto a econômica. O funcionário do aeroporto, mesmo com pouco, escolheu o certo. A autoridade, mesmo com muito, sugeriu o errado. Isso desmonta a ideia de que “quem rouba é quem precisa”.

Não.

Quem rouba é quem escolhe roubar.

O país se acostumou a desconfiar da ética. Mas o funcionário do aeroporto devolveu. E isso deveria nos fazer repensar quem realmente sustenta a integridade do país. O caso do funcionário do aeroporto é um lembrete poderoso: a mudança cultural não virá de cima para baixo.

Ela virá das pessoas comuns. Das que fazem o certo quando ninguém está olhando. Das que não se deixam corromper pela oportunidade. Das que entendem que caráter não depende de valor monetário.

Enquanto figuras públicas relativizarem a ética, caberá ao cidadão comum manter viva a noção de que honestidade não é burrice.

Honestidade é fundamento civilizatório.

Honestidade é mandamento divino.

A Palavra nos exorta:

“*Comportai-vos de modo digno.*” (Fl 1,27)

E talvez seja por isso que a história do funcionário do aeroporto continua sendo compartilhada até hoje. Ela nos lembra que o Brasil que queremos já existe; mas ainda é minoria.

E você?

Vai fazer parte do lado que sustenta o país ou do lado que o afunda?

Acorda, meu irmão!

Acorda, Brasil!



Leia o artigo: [A importância do cristão na política](#)

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS!

www.revistaconhecimentoecidadania.com



[Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania](#)



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@RevConhecimento](#)



<https://www.vakinha.com.br/4961006>



[@RevistaConhecimentoCidadania](#)



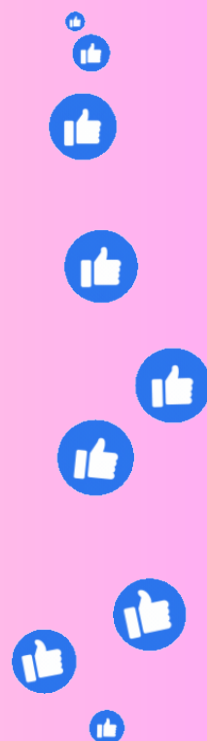
[Revista Conhecimento & Cidadania](#)

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO &
CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania





ACORDO

Riquezas
Poder
Fama
Prazeres

Em troca de
SUA ALMA